FLÁVIO VIANA FILHO

**HERMENÊUTICA JURÍDICA – RAZÃO E MISTICISMO NA ANÁLISE
HISTÓRICA. LEITURA A PARTIR DO PENSAMENTO DE GERSHOM
SCHOLEM**

TESE DE DOUTORADO

Orientador: Prof. Dr. Ari Marcelo Solon

**Universidade de São Paulo
São Paulo
2018**

FLAVIO VIANA FILHO

**HERMENÊUTICA JURÍDICA – RAZÃO E MISTICISMO NA ANÁLISE
HISTÓRICA. LEITURA A PARTIR DO PENSAMENTO DE GERSHOM
SCHOLEM**

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Faculdade de Direito da Universidade de São
Paulo, como exigência parcial para obtenção do
título de Doutor em Direito, sob a orientação do
Prof. Doutor Ari Marcelo Solon.

**Universidade de São Paulo
São Paulo
2018**

Catálogo da
Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Direito da Universidade de São
Paulo

Viana Filho, Flávio
Hermenêutica Jurídica: razão e misticismo na análise histórica.
Leitura a partir do pensamento de Gershom Scholem / Flávio Viana
Filho ; orientador Ari Marcelo Solon -- São Paulo, 2018.
175 p.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Filosofia do
Direito e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito,
Universidade de São Paulo, 2018.

1. Filosofia do Direito. 2. Hermenêutica. 3. Misticismo. 4. Razão.
I. Solon, Ari Marcelo , orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Muitos contribuíram para que esta tese viesse à luz. Primeiramente, agradeço a Deus por tudo. Aos meus avós e pais pelo amor e pelo apoio, à minha amada esposa Djayme e aos meus queridos filhos Caio e Enzo.

Agradeço imensamente ao meu querido orientador, Professor Ari Marcelo Solon, pela oportunidade. Aos professores que compuseram a banca e aos demais com quem tive oportunidade de dialogar durante estes anos de doutoramento.

À Faculdade de Direito do Largo São Francisco e seus funcionários.

Aos meus colegas de pós-graduação que compartilharam as alegrias e receios.

Aos colegas professores da FMU e do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Por fim, aos meus conterrâneos paulistas, verdadeiros legatários da Universidade de São Paulo.

RESUMO

A presente pesquisa teve por objeto formular uma análise da perda parcial de sentido da experiência humana a partir do processo de secularização das instituições e do pensamento ocidentais, passando a sociedade a pautar-se por postulados da Ciência marcadamente racionalista. Para efeitos da pesquisa, esta parte negligenciada da vivência foi investigada em termos de misticismo e da religião.

Buscou-se estabelecer as implicações dessa limitação nas esferas do Direito que se afastou de sua feição inicial, sacramental e voltada para o bom senso e passou a trabalhar como mero instrumento técnico de solução de conflitos concretos em sociedade.

A partir desse ponto, procurou-se analisar, em contraposição, a ideia ocidental quanto a estas relações e as percepções de religião e direito para os judeus que constituíram uma sociedade eminentemente respeitosa em relação às regras religiosas que se confundem, pela tradição, com as normas de Direito.

Analisou-se questões relativas à sacralidade da linguagem e às formas de interpretar a “Lei”.

Como base teórica, foram utilizados autores como Espinosa e, em especial, Gershom Scholem que revitalizou, em termos teóricos, a análise da mística do judaísmo (especificamente da Cabalá) a partir começo do século XX.

Propôs-se, a partir das pesquisas, um aprofundamento da hermenêutica jurídica, a partir de postulados de interpretação das normas religiosas judaicas e desenvolveu-se uma visão alegórica que relaciona o direito estatal e o mito do Golem judaico. A final, atentou-se, fenomenologicamente, para a questão da

História humana como processo de vivência constante e da esperança na estruturação social futura a ser transplantada para o Direito.

Palavras-chaves: Ciência – Racionalidade – Direito – Misticismo – Judaísmo – Cabalá – Hermenêutica.

ABSTRACT

The present research has aimed to formulate an analysis of the partial loss of meaning of human experience from the process of secularization of western institutions and thought, passing the society to be guided by postulates of the Science markedly rationalist. For the purposes of the research, this neglected part of the experience has been investigated in terms of mysticism and religion.

It has been sought to establish the implications of this limitation in the spheres of Law that had moved away from its initial feature, sacramental and common sense; and has begun to work as a mere technical instrument for solving concrete conflicts in society.

From this point onwards, it has been sought to analyze the Western idea of these relations and the perceptions of religion and law for the Jews, who had constituted a society that has been eminently respectful of the religious rules that are traditionally confused with rules of Law.

Questions regarding the sacredness of language and the ways of interpreting the "Law" have been analyzed.

As a theoretical basis, authors such as Espinosa and, in particular, Gershom Scholem have been utilized, which revitalized, in theoretical terms, the analysis of the mystique of Judaism (specifically Kabbalah) from the beginning of the 20th century.

It has been proposed, from the researches, a deepening of the juridical hermeneutics, starting from postulates of interpretation of the Jewish religious norms and an allegorical vision has been developed that relates the state law and the myth of the Jewish Golem. At the end, phenomenologically, it has looked at

the question of human history as a process of constant living and hope in the future social structure to be transplanted to the law.

Keywords: Science – Rationality – Law – Mysticism – Judaism – Kabbalah – Hermeneutics.

ASTRATTO

Questa ricerca mirava a formulare un'analisi della perdita parziale del significato dell'esperienza umana dal processo di secolarizzazione delle istituzioni e del pensiero occidentali, facendo passare la società alla guida dei postulati della Scienza, che è marcatamente razionalista. Ai fini della ricerca, questa parte trascurata dell'esperienza è stata studiata in termini di misticismo e religione.

Si cercò di stabilire le implicazioni di questa limitazione nelle sfere dell Diritto che si allontanò dal suo aspetto iniziale, sacramentale e di buon senso e iniziò a funzionare come un semplice strumento tecnico per risolvere conflitti concreti nella società.

Da questo punto in poi, abbiamo cercato di analizzare l'idea occidentale di queste relazioni e le percezioni di religione e legge per gli ebrei, che costituivano una società che era eminentemente rispettosa delle regole religiose che sono tradizionalmente confuse con norme giuridiche.

Sono state analizzate le domande riguardanti la sacralità della lingua e le modalità di interpretazione della "Legge".

Come base teorica, furono usati autori come Espinosa e, in particolare, Gershom Scholem, che rivitalizzarono, in termini teorici, l'analisi della mistica del giudaismo (in particolare la Kabbalah) dall'inizio del XX secolo.

Dalle ricerche è stato proposto un approfondimento dell'ermeneutica giuridica, partendo dai postulati dell'interpretazione delle norme religiose ebraiche e sviluppato una visione allegorica che mette in relazione la legge di stato e il mito del Golem ebraico. Alla fine, fenomenologicamente, la questione della storia

umana è stata considerata come un processo di costante vita e speranza nella futura struttura sociale da trapiantare al Diritto.

Parole chiave: Scienza – Razionalità – Diritto – Misticismo – Ebraismo – Kabbalah – Ermeneutica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. MISTICISMO OCIDENTAL, ORIENTAL E DIREITO	21
1.1 Localização da problemática	21
1.2 Unidade do sujeito cognoscente	29
1.3 A experiência mística (em geral) como fruição	31
1.4 Singularidade da experiência mística, originalidade e análise objetiva	34
1.5 Inteligência espiritual, fator esquecido na modernidade	36
1.6 Modelos de aferição da mística no Ocidente	43
1.7 Um olhar para a mística oriental: a Cabalá	54
1.8 Dimensão coletiva da vivência (singular) mística	66
2. LEITURAS DO MUNDO (DIREITO E RELIGIÃO):	
APROFUNDANDO O CASO HEBREU	70
2.1 Importância das <i>Escrituras Sagradas</i>	70
2.2 Estrutura jurídico-religiosa judaica e hermenêutica	85
2.3 Os níveis de interpretação da Torah	91
3. BREVE INCURSÃO EM ESCOLAS DE INTERPRETAÇÃO	
QUE UTILIZARAM A HERMENÊUTICA PROFUNDA	94
3.1 A escola averroísta	94
3.2 Neoplatonismo hermético	97

3.3 Cabalá e interpretação	99
3.3.1 Conhecimento <i>gnóstico</i> , <i>cabala</i> e <i>guematria</i>	99
3.3.2 Localização do movimento histórico cabalista	106
3.3.3 A abordagem cabalista sobre a causa	109
 4. RESGATE DA HERMENÊUTICA MÍSTICA PROFUNDA: CONTRAPOSIÇÃO ENTRE ESPINOSA E SCHOLEM	 116
4.1 Crítica da leitura mística da Bíblia e do mundo: o judeu Espinosa	116
4.2 Espinosa: racionalismo e Cabalá	128
4.3 A revitalização do misticismo judaico a partir de Gershom Scholem	130
 5. A FIGURA MÍSTICA DO GOLEME O DIREITO ESTATAL	 145
 CONCLUSÃO: LEITURA MÍSTICA DA REALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DIREITO	 160
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 163

1. INTRODUÇÃO

Em texto, publicado em 1954 fruto das conferências proferidas por Edmund Husserl em Viena e Praga em 1935, fica clara sua preocupação com a “Filosofia na Crise da Humanidade Europeia”.

Naquela oportunidade, discursa Husserl: *“certo que a crise europeia radica num racionalismo extraviado. Mas não se pode tomar isto como se a racionalidade enquanto tal fosse o mal, ou tivesse um significado subordinado no todo da experiência humana (...)”*.¹

O filósofo alemão, de origem judaica, vivenciou período conturbado do século XX e testemunhou as consequências que o exagerado racionalismo trouxe para o mundo. De fato, como dito, não que a racionalidade personifique, em si, um mal. Pelo contrário. Ela foi parte relevante no avanço nas descobertas da Ciência durante toda a modernidade e, conseqüentemente, do desenvolvimento de toda a humanidade; livrou-nos do exagero incontrolável da fé medieval que se fundia aos interesses de classes; guiou os passos da civilização por longos séculos.

¹ **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. São Paulo: Grupo Gen, 2012. p. 267.

Todavia, para parte da humanidade, o racionalismo científico, marcado pelo frenesi da busca da confrontação da vida à lógica cartesiana e da objetividade, significou o abandono e o escárnio de parte significativa de sua experiência, aqui identificada como “experiência mística”: aquelas vivências transcendentais que não foram corretamente compreendidas pelo homem, mas que também não foram superadas após o alvorecer de um período histórico de maior “esclarecimento”. Mesmo com todo o avanço da ciência e da tecnologia, por toda parte do mundo o fenômeno místico ecoa; ainda hoje a religião impõe-se como ator importante nas relações sociais. Mesmo após a laicização dos Estados-nações por todo planeta, a fé continua modificando, condensando e criando laços e rugas; diálogos e crises.

Este fenômeno é relevante em todos os sentidos. Inclusive para o plano da normatividade estatal: para o direito derivado do Estado e para a leitura de mundo que se faz dentro de suas esferas. As respostas dadas pelo Direito científico, metodologicamente estabelecido – apesar de todos os esforços do Estado –, não têm sido suficientes para contornar os problemas que lhe são trazidos no dia a dia.

A contradição fica clara, por exemplo, no texto de Gustav Radbruch, quando o filósofo do direito jusnaturalista cita a oposição entre católicos e luteranos com relação ao Direito, confirmando o entendimento dos segundos no sentido de que

“imediatamente, o religioso emerge no mundo jurídico através de uma instituição: a *graça*, como tiveram que

reconhecê-lo também os defensores da autonomia do Direito. *Beccaria* e *Kant* rejeitaram a graça, porque viam nela uma ruptura da autonomia jurídica. Mas outros procuraram ver seu significado essencialmente jurídico. *Ihering* considerou-a ‘válvula de escape do Direito’: serve para fazer valer o Direito contra a força do julgamento injusto; para fazer com que a Justiça prevaleça sobre o Direito; para que prevaleça a equidade no caso concreto e não a tendência generalizante da Justiça; para que a prudência estatal prevaleça sobre a regra jurídica. Desta forma, no entanto, tergiversa-se sobre o significado original da graça. Ela ‘não conhece coação’, nem mesmo da Justiça; não se assemelha a planejamentos beneficentes estatais, mas à esmola consciente e irracional; ela é, no mundo do Direito, semelhante ao milagre no mundo da natureza. Seu significado consiste em chamar a atenção para o caráter limitado e condicional do Direito. Sua expressão mais pura não está na graça estatal, mas na não estatal, praticada por líderes espirituais, como faziam as abadessas medievais, autorizadas a indultar os pobres pecadores a caminho do patíbulo. Hoje, conhecemos uma forma secularizada e irracional de anistia, concedida ao ensejo de festas nacionais”.²

Nem sempre o processo de secularização das instituições conduziu a respostas claras para os problemas humanos. Não raras vezes o Estado mimetiza elementos religiosos, migrando-

² RADBRUCH, Gustav. **Filosofia do direito. Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 41.

os, de forma irracional, para dentro de suas instituições, como lembra Radbruch.³

Talvez o reconhecimento da importância dessas vivências, da descoberta racional das contradições que surgem nas questões atuais e não a sua mera camuflagem sob a pecha da “irracionalidade” – como no caso da vivência religiosa – seja crucial para superar alguns dos problemas que se apresentam.

Daí os fundamentos das dúvidas que são postas na presente pesquisa, análise interdisciplinar cujos aportes caminham pela filosofia em geral, a filosofia relacionada ao direito (especialmente no que tange ao processo de interpretação das normas), à ciência, à religião e à mística.

Assim, o primeiro capítulo será reservado a uma breve explanação sobre razão e mística, analisando-se algumas desconfiças da sociologia e da própria filosofia, especialmente no campo do direito, quanto a este fenômeno; diferenciando-se, em seguida, o misticismo ocidental (especialmente aquele que deriva das percepções grega e católica romana do fenômeno) do oriental (restringindo-se o corte desta pesquisa à agudeza judaica e, mais especificamente, à sua mística cabalística).

Busca-se, aqui, perceber o misticismo como parte relevante da vivência humana que, portanto, merece *status*

³ Diversos elementos da ritualística religiosa são transferidos, desde o iluminismo, para o Estado laico (inclusive na tentativa de criar uma religião sem Deus), pois há uma intuição no sentido de que algo falta ao homem, mesmo depois de libertado da opressão religiosa.

superior na análise na tomada de decisões nas diferentes instâncias da sociedade. E, como elemento experiencial humano, necessário observar o tema como realidade histórica, como movimento constante da vida. Diante disso, os demais capítulos essencialmente trarão tal aspecto.

No judaísmo, com sua visão Oriental do mundo (apesar das fortes imbricações recíprocas entre o Ocidente e Israel), religião e direito estatal tradicionalmente se entrelaçam. A religião contribui decisivamente para a estruturação do direito.

Propõe-se, então, no segundo capítulo uma breve análise da cultura religiosa judaica que culmina com sua visão particular das relações entre regras religiosas e direito estatal, de como ambas formam um corpo de “leis” compreendidas pelo indivíduo e pela comunidade como dádiva divina, tornando-se, como tal, elemento de proteção pessoal e de garantia de liberdade.

A “Lei” é revelada por Deus e, como tal, deve ser seguida pelo fiel/cidadão, garantindo-se, aqui, uma vida de acordo com os desejos de Deus e tal observância guiará à felicidade eterna. Neste capítulo, se verificará como esta visão difere da visão ocidental laica onde as relações com o Estado não se dão de forma sagrada. Falar-se-á, ainda, do processo de hermenêutica dentro desse sistema e aos níveis de interpretação da Lei, alguns deles abandonados pela hermenêutica jurídica justamente pelo esquecimento anunciado, no primeiro capítulo, da percepção mística (intuitiva) humana (ponto que daria base ao nível mais profundo da hermenêutica).

De outra parte, a linguagem, para este povo é considerada sagrada e a Lei é manifestação dessa sacralidade. Tal elemento é essencial no processo de produção de normas pelo Estado, negligenciado após a laicização, e da interpretação das normas e talvez seja um ponto fundamental a ser refletido.

No capítulo seguinte, o terceiro, em aprofundamento à questão da hermenêutica, falar-se-á do racionalismo em Espinosa e como ele (embora haja controvérsia), influenciado pela Cabalá, transmitiu elementos importantes de escrita e interpretação de textos – o que se contrapõe à visão tradicional de um Espinosa extremamente racionalista após abandonar o judaísmo.

Em seguida, há a introdução de Gershom Scholem, filósofo judeu posterior a Espinosa, mas que é o responsável pela **revitalização** da importância da Cabalá e, portanto, da mística religiosa nos ambientes comuns da comunidade judaica a partir do início do século XX, inclusive, trazendo tal tema à discussão da historiografia na academia. Todavia, este filósofo é marcado, não por uma percepção “irracional” da mística, senão por uma análise séria de suas implicações sociais.

Relacionando as discussões de Scholem sobre a mística e Cabalá, no quarto capítulo, por meio do mito do golem, far-se-á uma alegoria entre tal criatura e o direito estatal moderno, visto como instrumento de tecnologia jurídica a serviço do homem, como criação parcial e temporária deste e que, por vezes,

distancia-se de seus objetivos iniciais, voltando-se contra seu próprio criador.

Ao final, à guisa de conclusão, será chamada atenção para a questão da História humana como processo de vivência constante e da esperança na estruturação social futura que, nas mãos do Messias e na transposição das épocas (para o ambiente judaico), marcará o renascimento humano sob as bases de um direito eterno, não mais parcial e falível, mas eterno e pleno.

CONCLUSÃO: LEITURA MÍSTICA DA REALIDADE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DIREITO

Scholem caminhou para a revitalização da mística através da experiência messiânica, como meio de libertação da autofagia aberta a partir da modernidade europeia.

O “desencantamento do mundo”¹²⁹ que parecia uma experiência de liberdade e autonomia, de emancipação da alma humana passou a apresentar poderes destrutivos, expressos em dois séculos de conflitos que distanciaram o Homem da prometida emancipação social conciliada e racional.¹³⁰

A modernidade desembocou em uma civilização capaz de cometer atos de barbaridade por conta dos aspectos tecnológicos e econômicos. Scholem vislumbra a grande guerra como o falecimento da Europa clássica pensada em termos iluministas.

Em seu pensamento, a mística expressa-se pelo advento messiânico que imbrica os aspectos simbólicos e interpreta a redenção como uma transformação catastrófica capaz de provocar o perecimento da história como parcela do “até então”.¹³¹ O Messias chegará inadvertidamente, de maneira inesperada. A

¹²⁹ Retornando a Weber.

¹³⁰ KANT, Immanuel. **O que é Iluminismo?** Brasília, v. 1, out./dez. 1982.

¹³¹ MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. “Kabbalah e a Mística na História das Religiões – Religiões e mística no pensamento de Gershom Scholem”. **Observatório da Religião**. vol. I, n. 02, ago.-dez. 2014. p. 92/105

esperança na redenção futura conscientiza o homem sobre sua existência e desmitifica o caráter perpétuo das promessas laicas, além de negar o um niilismo definitivo e na descrença em um mundo tragicamente decadente e mau.

Esta leitura supera as leituras parciais de uma realidade social que se automatiza e se racionaliza a ponto de compartimentalizar a sociedade um emaranhado de sistemas parciais e independentes. A linguagem relacionada a elementos místicos, tão importantes para a percepção humana, faz retornar a um Direito que pensa a sociedade em termos metalinguísticos, universais e superiores, um Direito capaz de extrair a injustiça de seu espaço.

O Direito, em sua leitura contra-histórica não pode ser apenas a parcela vencedora das lutas de classes. Deve considerar a totalidade da dialética da vida que nos guiou para o que somos hoje e para pensar o que seremos amanhã.

Se a linguagem é a própria manifestação do divino, o direito não pode desconsiderar aspectos relevantes da vida (também em termos comunicativos). Senão se converterá apenas em normatizações técnicas destituídas de “espírito”. E ele é, antes disso, o saber normativo do Homem que agrega elementos indizíveis, como na religião que carrega a tradição. É parcela do esperar e do redimir humanos que se confirma na graça. É “dom”. Parte do que aguardamos e de como nos comportamos para alcançar o futuro.

O Messias é essa manifestação da esperança humana que se dinamiza e não elimina o poder da tradição. É aquele que vem para superar o atual estado de coisas. O direito não pode abrir mão desta perspectiva em favor do cumprimento de uma missão apenas técnica, sem observar a ética.

Racional e irracional são expressões da vida humana. Uma leitura parcial, baseada em apenas um deles, é uma leitura manca e superficial que jamais completará as esperanças humanas.

Temos, por exemplo, que a hermenêutica constitucional contemporânea não pode negligenciar as expectativas espirituais libertárias que envolviam o povo no momento de promulgação do documento. É comum observarmos a leitura de que a Constituição, texto político por essência, contém elementos evolutivos que tornam o texto vivo. Mas em qual sentido essas leituras consideram a totalidade das relações, das expectativas, das relações sociais? Até que ponto a leitura histórica considera o fator intrínseco de construção das normas?

Direito não pode ser a vitória do mais forte ou do racional. Antes disso, deve ser a vitória da esperança na redenção e no diálogo da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIAC, Gabriel. **La sinagoga vacia**. Madrid: Tecnos, 2013.

ASLANOV, C.; ASSIS, Y. T.; GUINSBURG, J.; IDEL, M. (org.).

Cabala, Cabalismo e Cabalistas. São Paulo: Universidade Hebraica de Jerusalém e Editora Perspectiva, 2008.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Ed. Abril, 1980. [Livro III, capítulo 6].

AVERRÓIS. **Discurso decisivo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BACHUR, João Paulo. “A diferenciação funcional da religião na teoria social de Niklas Luhmann”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 26, n. 76, São Paulo, jun. 2011.

BASHEVIS SINGER, Isaac. **O golem**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Lisboa: Almedina, 2005.

BIALE, David. **Cabala e contra-história: Gershom Scholem**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BIRBAUM, Ruth. **Grappling with Aristotelianism in Medieval Jewish Philosophy**. An Exposition of Joseph Ibn Shem Tov's Kevod Elohim (The Glory of God), A Fifteenth Century Philosophical Work, Mellen Press, 2001.

BRUSIIN, Otto. **O pensamento jurídico**. Campinas: Edicamp, 2001.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

CADAFUZ DE MATOS, Manuel. “Os estudos aristotélicos (e averroístas) em Veneza e Pádua ao longo do século XVI”. **Revista Alpha, UNIPAM (9)**: 192-211, nov. 2008.

CICERO, Marco Túlio. **Sobre a adivinhação (De Divinatione)**.
Capítulo II. Disponível em:
[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cicero/de_Divinatione/home.html]. Acesso em 20/12/2017; TURRÓ, Salvio. **Filosofia i Modernitat. La reconstrucció de l'ordre del món**. Barcelona: Edicions UB, 2016.

CHAUI, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

COPENHAVER, BRIAN. “Jewish Theologies of Space in Scientific Revolution: Henry More, Joseph Raphson, Isaac Newton and their Predecessors”. **Annals of Science** n. 37, 1979.

DE LIBERA, Alain. **A Filosofia Medieval**. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DILLON, John M. "Solomon ibn Gabirol's Doctrine of Intelligible Matter". In: GOODMAN, Lenn E. (org.) **Neoplatonism and Jewish Thought**, State University of New York Press, 1992.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

ESPINOSA, Baruch von. **Tratado político**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Ética**. Madrid: Sarpe Editorial, 1984.

_____. **Tratado teologico-político**. 2. ed. São Paulo: Martins, 2008.

FALBEL, Nachman. "A Controvérsia entre Maimonides e Nahmanides" in: **Tribunal da História**. Rio de Janeiro. Relume Dumará e Centro de História e Cultura Judaica, 2005.

FERRAZ PEREIRA, Aloysio. **Estado e direito na perspectiva da libertação (uma crítica segundo Martin Heidegger)**. São Paulo: RT, 1980.

FRAENKEL C. "Spinoza on Philosophy and Religion: The Averroistic Sources". In: FRAENKEL C., Perinetti D., Smith J. **The Rationalists: Between Tradition and Innovation**. The New Synthese Historical Library, vol. 65. Springer, Dordrecht.

GABIROL, Salomon ibn. **El Libro de la Fuente de Vida**. Malaga: Sírio, 1990.

GOLDSTEIN, Mateo. **Derecho Hebreo atraves de la Biblia e y del Talmude**. Buenos Aires: Ed. Atalaya.

GUERRERO, R. R. **Sobre Filosofia e Religião**. Selección de textos Rafael Ramón Guerrero. Navarra: 1998.

GUINSBURG, J. "Um escritor de muitos demônios". In: BASHEVIS SINGER, Isaac. **O golem**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Do Estudo e da oração**. Perspectiva: São Paulo, 1968.

GUTTMANN, Julius. **A Filosofia do Judaísmo**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **A Tora camuflada: conferência comemorativa do 80.º aniversário de Gershom Scholem**. In:

HABERMAS, Jürgen. Sociologia. São Paulo: Ática, 1980.

_____. “Pensar Contra a Desesperança É uma Obrigação”
Resposta a Georg Lohmann”. Disponível em: [Trans/Form/Ação,
Marília, v. 36, n. 3, p. 225-230, Set./Dez., 2013].

HALEVI, I. **O Cuzarí**. São Paulo: Sêfer, 2003.

HEGEL, G. **Fenomenologia do espírito**. Parte I. Petrópolis: Vozes,
1992.

_____. **A razão na História**. Uma introdução geral à filosofia da
história. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HILDENBROCK, Aglaja. **Das Andere Ich, Künstlicher Mensch und
Doppelgänger in der deutsch und englischen Literatur**.
Tübingen: Stauffenburg-Verlag, 1986.

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. **Dialética do esclarecimento**. Rio
de Janeiro: Zahar, 1991.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a
fenomenologia transcendental – Uma introdução à filosofia
fenomenológica**. São Paulo: Grupo Gen, 2012.

IDEL, Moshe. **Cabala: novas perspectivas**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. “*Deus sive Natura* – The Metamorphosis of a Dictum from Maimonides to Spinoza”. In: COHEN R.S., Levine H. (eds) **Maimonides and the Sciences**. Boston Studies in the Philosophy of Science, vol 211. Springer, Dordrecht.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Ímago, 1970.

_____. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves Ed., 1934.

_____. “As máscaras da ciência”. **Ci. Inf.**, Rio de Janeiro, 6(1): 13-15, 1977.

_____. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Ímago, 1975.

_____; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

JOAS, Hans. **A sacralidade da pessoa**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

KANT, Immanuel. **O que é Iluminismo?** Brasília, v. 1, out./dez. 1982.

KOYRÉ, Alexandre. **Do Mundo Fechado ao Universo Infinito**. São Paulo, Edusp, 1979.

KUNG, Hans. **O judaísmo passado, presente e futuro**. Madrid: Editorial Trotta, 1991.

LACLAU, Ernesto e MOUFFE, Chantall. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2000.

LEONE, Alexandre. A oração como experiência mística em Abraham J. Heschel. Revista de Estudos da Religião da PUC/SP. São Paulo.

_____. A Relação entre Makom (Espaço) e HaMakom (Deus) em Hasdai Crescas e a Crítica ao Aristotelismo Medieval. Aceito para publicação na **Revista da Faculdade São Bento** de Filosofia de São Paulo.

LEVINAS, E. O “Eu Mesmo”, Quem É?”. **Novas Intepretações Talmúdicas**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Quatro leituras talmúdicas**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.

LOPES, Graça Auxiliadora Nobre *et alii*. **Dessacralização do sagrado cristão em Friedrich Nietzsche e Rudolf Otto**. Macapá: Fundación Universitaria Andaluza Inca Garcilaso, 2011.

LUHMANN, Niklas. **Sociologia do direito I**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

_____. ***Die Religion der Gesellschaft***. Frankfurt: Suhrkamp, 2000.

_____. ***Funktion der Religion***. Frankfurt: Suhrkamp.

LÖWY, M. **Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Romantismo e messianismo**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

MAIMÔNIDES, The Guide of the Perplexed, trad. Michael Friedlander, 1904,

[http://www.teachittome.com/seforim2/seforim/the_guide_for_the_perplexed.pdf].

_____. **Torá – O Livro da Sabedoria**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. “Kabbalah e a Mística na História das Religiões – Religiões e mística no pensamento de Gershom Scholem”. **Observatório da Religião**. vol. I, n. 02, ago.-dez. 2014. p. 92/105.

MARMOR, Andrei. **Direito e interpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIAILLE, Michel. **Introdução crítica ao direito**. 3. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. **La venida de Dios**. Escatologia cristiana. Salamanca: Sígueme, 2004.

MORETTI, Franco. “O século sério”. **Novos Estudos**, n. 65, mar. 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio. ***O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber***. São Paulo: Editora 34.

PIKAZA, Xabier; SILANES, Nereo (dir.). **Dicionário teológico**. São Paulo: Paulus, 1998.

POZZOLI, Lafayette. **Maritain e o direito**. São Paulo: Loyola.

PUGLIESI, Márcio. **Teoria do direito**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 161.

RADBRUCH, Gustav. **Filosofia do direito. Introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RAHNER, Karl. **Uditori della Parola**. Roma: Borla, 2006.

RÁO, Vicente. **O direito e a vida dos direitos**. 7. ed. São Paulo: RT.

REHFELD, Walter. **Introdução à mística judaica**. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. **Tempo e religião. A experiência do homem bíblico**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ROSS, Alf. **Direito e justiça**. São Paulo: Edipro. 2003.

SCHNAID, David. **Filosofia do direito e interpretação**. 2. ed. São Paulo: RT, 2004.

SCHOLEM, Gershom. **O golem, Benjamin, Buber e outros justos:**

Judaica I. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **As grandes correntes da mística judaica.** São Paulo:

Perspectiva, 1995.

_____. **O nome de Deus, a teoria da linguagem e outros**

estudos da cabala mística judaica II. São Paulo: Perspectiva,

1999.

_____. **Sabatai Tzvi – O Messias místico I.** São Paulo:

Perspectiva, 1995.

_____. **A cabala e seu simbolismo.** São Paulo: Perspectiva,

2012.

_____. **Las grandes tendencias de la mística judía.** Cidade

do México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

_____. **Conceptos básicos del judaísmo.** Editorial Trotta,

SA. Madrid, Espanha, 1998.

_____. **Origins of the Kabbalah.** Princeton: University Press,

1990.

_____; BENJAMIN, Walter. **Correspondência.** São Paulo:

Perspectiva, 1993.

SEFER YETZIRAH. **O Livro da criação, em teoria e prática.**

Publicado por Samuel Weiser, 1990.

SENDER, Tova. **Iniciação à Cabala. 11. ed. São Paulo: Polar Editorial, 2016.**

SMITH, P. J. **Dez provas da existência de Deus.** São Paulo: Alameda, 2006.

SOLON, Ari. **Direito e Tradição.** São Paulo: Elsevier.

_____. **Os caminhos da filosofia e da ciência do direito – Conexão alemã no devir da justiça.** Curitiba: Prismas, 2016.

_____. **Hermenêutica jurídica radical.** São Paulo: Marcial Pons, 2017.

STEWART, Mary. **The Crystal Cave.** (História da Filosofia.) São Paulo: Nova Cultural. 2002.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica.** Uberlândia: Ed. UFU, 2016.

TOSEL, André. “Superstition and Reading”. **The New Spinoza.** Minnesota: Universidade de Minnesota, 1998.

VESTING, Thomas. “Uma transferência do objetivo para subjetividade”. Texto traduzido por João Lucas Sacchi de Oliveira.

Disponível em: [<https://docgo.net/vesting-uma-transferencia-do-objetivo-para-subjetividade-traduzido>]. Acesso: 30/12/2017.

WAXMAN, Meyer. "Baruch Spinoza's Relation to Jewish Philosophical Thought and to Judaism". **The Jewish Quarterly Review**, New Series, Vol. 19, No. 4, University of Pennsylvania Press pp. 411-430 (Apr., 1929).

WEBER, Max. ***Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie***. 9. ed. Tübingen: J.C. Mohr, v. 1.

_____. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WOLKEMER, Antonio Carlos. Fundamentos de história do direito. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

ZOHAR. **O Livro de Esplendor**. Nova Iorque: Editorial Gershom Scholem, 1977.